

RUA MARCELINO VELEZ

Lei nº 838 de 06-02-1953

Formada pela rua H do Jardim Botafogo

Início na rua Dr. Delfino Cintra

Término na avenida Barão de Itapura

Botafogo

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Antonio Mendonça de Barros.

MARCELINO VELEZ

Marcelino Velez nasceu em 16-agosto-1883 em Campinas e faleceu em 26-janeiro-1952 em São Paulo. Era filho de Patrício Velez e Manoela Pastor Velez. Foi casado com Maria Rodrigues de Souza. Iniciou seus estudos no Liceu Coração de Jesús em São Paulo, passando depois para a Escola Normal "Caetano de Campos", onde aprendeu rudimentos de escultura. Trabalhando na oficina de marmoaria de seu pai, já mostrava forte inclinação para a escultura. Por conselhos médicos a família volta para Campinas, interrompendo Marcelino seus estudos em São Paulo. Nesta cidade, passa a estudar desenho e continuando a trabalhar ao lado do pai na marmoaria. Após seu casamento, em 1908, Marcelino passa a confeccionar suas primeiras esculturas. São dessa época os trabalhos de estudo de duas cabeças, que denominou "Mimi" e "O Primeiro Amor". Também um baixo relêvo "Jesús no Santo Sepulcro" e outros trabalhos para arte funerária, como bustos, medalhões, etc. A 04-agosto-1912 realiza com grande sucesso uma exposição de escultura no salão nobre do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. A repercussão dessa mostra causa-lhe a maior satisfação que um artista pode almejar: o Patronato Artístico do Estado de São Paulo lhe confere o prêmio de viagem ao estrangeiro para completar seus estudos. Só dois artistas fizeram jus a esse prêmio: Mario Monteiro, para a música e Marcelino Velez para as Artes Plásticas. A 03-junho-1913 embarca em Santos aportando na Itália. Após passar por Nápoles e Roma, em Florença encontra o seu campo artístico, estudando dia e noite. Infelizmente, a deflagração da I Grande Guerra obriga-o a retornar ao Brasil. Em Campinas volta a trabalhar com seu pai, continuando a produzir obras de esculturas. É dessa época o único trabalho público de pintura que realizou: o pano de boca do Teatro "Carlos Gomes", desta cidade, uma alegoria à Arte com as decorações "Paz" e "Progresso". Com os conhecimentos adquiridos na Europa, o govêrno do Estado nomea-o para a cadeira de Desenho e Caligrafia, da Escola Normal "Carlos Gomes", de Campinas, tomando posse em maio-1915 e aposentando-se 33 anos depois, como professor de Desenho Pedagógico. Produziu mais de vinte figuras, 17 bustos, monumentos, baixos e altos relêvos. Os dois mais belos monumentos de Campinas, são de sua lavra: monumento ao Dr. Tomás Alves e o Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32. Seus restos mortais encontram-se sepultados no Cemitério da Saudade.

RUA MARCELINO VELEZ

**Lei n. 838, de 6 de Fevereiro de 1953**

Dá o nome de "Marcelino Velez" a uma rua da cidade.

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte lei:

Artigo 1.º — Fica denominada «MARCELINO VELEZ» a rua «H» do Jardim Botafogo.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 6 de fevereiro de 1953.

A. Mendonça de Barros
Prefeito Municipal

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 6 de fevereiro de 1953.

O Diretor,
Admar Maia

Uma rua para um nome ilustre

Reatando o fio de considerações que tecemos ontem a respeito da denominação de ruas — homenagem a mortos ilustres que tanto se abastardou nos derradeiros tempos, devemos analisar, embora rapidamente, mais uma faceta da questão. Se há, muitas vezes, acoadamento em levar-se às placas os nomes de autênticas mediocridades que em vida nada realizaram pelo bem coletivo, outras vezes, por lamentável injustiça, ficam na poeira do esquecimento figuras indiscutivelmente crederas da homenagem. Existiria, para ilustrar este capítulo, abundância de exemplos. Não é nosso objetivo, entretanto, falar de mortos que tiveram os seus nomes batizando nossas vias públicas. O erro não lhes pertence. A culpa, que existe, deve ser atribuída àqueles que, desprovidos de senso de responsabilidade, tiveram a iniciativa de dar denominação a ruas e praças. E que, ao fazê-lo, subestimando a expressão cívica da homenagem, agiram dominados por um subalterno espírito de lisonja, na ânsia de conquistarem simpatia e reconhecimento por parte das famílias dos mortos evocados. Quem se não rende, pela gratidão, aos que se lembram de reverenciar a memória de alguém que ocupa um lugar destacado na edícula dos seus afetos? Todos, sem dúvida.

O exercício do munus público, porém, deve pairar acima das injunções de natureza pessoal e sentimental. Salvo, é evidente, quando seja possível reunir ao sentimento individual, nobre em certas circunstâncias, a finalidade pública da manifestação de respeito que devemos aos que conquistaram, em vida, um lugar de honra no panteão da estima coletiva.

Um nome há, em Campinas, que precisa ser esculpido numa das ruas da cidade. É o de Marcelino Velez, cronologicamente o primeiro escultor da cidade. De origem modesta, procedendo da pequena oficina de marmorista do seu pai Patrício Velez, conquistou ele, pela tenacidade e pela inteligência, posição vanguardeira na galeria dos artistas campineiros.

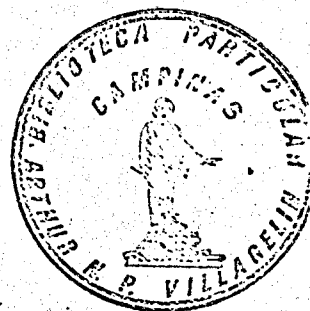
No começo deste século, quando ainda importávamos da Itália bustos e estatuas que deveriam ornar os túmulos alinhados no Campo Santo, ensaiou Marcelino os seus primeiros passos nos caminhos da arte. Data de 1910 o busto que fez de Santana Gomes, em cuja sepultura, no Cemitério da Saudade, erigiu tocante alegoria à música. Logo mais, antes de estalar o primeiro conflito mundial, realizou no Centro de Ciências a primeira exposição pública dos seus labores. E o conjunto "A Dór", que enriquece hoje o jazigo da família Roso, mereceu naquela época, como ainda o merece hoje, o pronunciamento de louvor dos críticos mais exigentes.

Na Europa, para onde seguiu mais tarde, Marcelino aprimorou sua cultura artística, ampliou e consolidou os conhecimentos técnicos hauridos na pequena oficina paterna. Coursou a Academia de Florença, e num meio altamente desenvolvido no que tange às realizações de arte foi distinguido com um prêmio desvanecedor. Com o pensamento voltado para a pátria distante, Velez arrancara do folclore brasileiro a inspiração para a feitura de uma estátua que os seus mestres glorificaram: "Saci Pererê".

Truncada a sua permanência na luminosa Itália em consequência da deflagração da guerra, Velez regressou, carregado de experiências, aos penates natais. Os bustos de Quirino dos Santos e de Henrique de Barcelos, que se acham no salão nobre da Associação Campineira de Imprensa, saíram de suas mãos privilegiadas. E no Jardim Carlos Gomes, à sombra das palmeiras erectas, está a figura de Tomaz Alves. Nesse monumento os símbolos da cidade, da medicina e da mãe que alça, num preito de reconhecimento, um corpiño de criança enfiada, são extraordinários. Constitui, indiscutivelmente, um dos momentos mais felizes da arte de Marcelino Velez.

O monumento-túmulo dos soldados de 32 é outra criação magnífica do escultor campineiro. Conceção digna de um grande artista, temos ali, nas colunas de pedra lavrada, a representação da galharda vontade de São Paulo opondo-se à iniquidade de um governo inconstitucional. A muralha de pedra, tendo à frente o soldado em perpetua vigília, simboliza, para os pósteros, a unidade do ideal bandeirante forjado no sacrifício do sangue e das trincheiras. Para maior glorificação na epopéia paulista, a arte de Marcelino Velez haveria de inspirar a voz campineira, e paulistaníssima, de Guilherme de Almeida:

Não é túmulo! É berço! É sementeira
De ideal; balisa do futuro; pista.
Rastro de heróis na terra campineira.
Sobre eles, cor a cor, lista por lista,
Eternizou seu voo esta bandeira,
Petrificou-se o pavilhão paulista.
Bandeirantes, por vós, nesta jazida
Velam as pedras, que esta morte é vida!



Edm



Na província do ensino público não foi menos brilhante a carreira de Marcelino Velez. Ao curso de vários lustros, pontificando na cadeira de desenho, transmitiu aos seus alunos, com a consciência de mestre inato, os segredos da sua disciplina. Foi, além disso, o introdutor do desenho pedagógico nas escolas normais do Estado de São Paulo, e talvez do Brasil, onde a matéria antes dele era inteiramente desconhecida ou impatricada.

Homem ilustre pelo amor que votou à arte e ao ensino, Marcelino Velez engrandeceu o nome de sua lande graças aos privilégios da inteligência e da vocação. A cativante simplicidade da sua figura só encontrava símile na pureza de sua arte. Deve-lhe a cidade, por isso mesmo, a homenagem que até agora não-lhe prestou. O seu busto, em bronze, precisaria ser erigido numa de nossas praças — o busto de quem foi, cronologicamente, o primeiro escultor campineiro. Se essa homenagem é, nos tempos atuais, de difícil execução, que se lhe dê o nome a uma das ruas de Campinas, a-fim-de que as gerações de amanhã, possam exaltar em Marcelino Velez a figura do homem que foi, pelos milagres da arte, totalmente de sua terra e do seu povo.

LUSO VENTURA

Cam

O nome de Marcelino Velez para uma das Escolas Normais do Estado

OPORTUNA INDICAÇÃO DO DEPUTADO RUY DE ALMEIDA BARBOSA APRESENTADA À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA — OS SALÁRIOS DOS EX- TRANUMERÁRIOS DO DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO VEGETAL, NO INSTITUTO AGRÔNOMICO DO ESTADO

Na Assembleia Legislativa do Estado, o operoso parlamentar por Campinas sr. Ruy de Almeida Barbosa apresentou oportuna indicação ao Governo do Estado afim de que seja dado o nome do inesquecível professor Marcelino Velez, a uma das Escolas Normais ou Ginasios do Estado, numa homenagem postuma a aquele educador, que perpetue o reconhecimento de São Paulo à sua memória. Essa indicação está assim formada:

"INDICAÇÃO N.º

Faleceu há meses em Campinas, o grande mestre e educador que foi Marcelino Velez.

Seu nome não será por certo desconhecido das últimas gerações que cursaram as Escolas Normais do Estado, pois a ele se deve a introdução, no ensino de formação profissional do professor, da cadeira de Desenho Pedagógico.

Artista, dentre os que mais se sobressairam no culto à escultura, da qual foi um dos expoentes, Marcelino Velez pela obra que legou ao Ensino merece, sem dúvida alguma, que o Governo do Estado lhe preste uma homenagem póstuma, capaz de perpetuar o reconhecimento de São Paulo a quem, como ele, soube tratar com carinho das coisas que dizem respeito à educação da juventude.

E' esse, realmente, o objetivo de nosso trabalho, pois desejamos INDICAR ao sr. Governador estude a possibilidade de dar o nome de Marcelino Velez a uma das Escolas Normais ou Ginasios existentes no Estado.

Permitimos, mesmo, anexar a esta proposição os dados bio-

gráficos referentes ao inolvidável criador do Desenho Pedagógico.

Estamos certos de que o Executivo atenderá à presente indicação, pois testemunhará dessa forma o quanto reconhece o valor, a dedicação e o sacrifício daqueles integrantes do seu quadro do Ensino, que, como Marcelino Velez, têm sabido dar à Pátria muito do que é seu e contribuindo assim para o aperfeiçoamento cultural de nossa juventude."

OS SALÁRIOS DOS EXTRA- NUMERÁRIOS DO D. P. V.

Ainda o mesmo deputado apresentou à Mesa um requerimento sobre os salários dos extranumerários do Departamento de Produção Vegetal do Instituto Agrônomico, vasado nos seguintes termos:

"REQUERIMENTO N.º

Inúmeras queixas têm chegado até nós, por parte de extranumerários do Instituto Agrônomico de Campinas, que se mostram descontentes com a maneira pela qual vêm sendo calculados os seus salários.

Segundo fomos informados, o Departamento de Produção Vegetal não lhes paga os domingos não obstante remunerar os feriados e dias de ponto facultativo, quando também deixa de haver trabalho para os citados servidores.

Aliás, devemos lembrar que a matéria é regulada pela Lei n.º 1309, de 29 de novembro de 1951, a qual dispõe, em seu

"Artigo 44 — O pagamento do salário do pessoal extranumerário que obedecerá a escala própria, será feito mês por mês, não sendo computados, para efeito de desconto, os domingos, feriados e dias do ponto facultativo."

Parce-nos assim que não está sendo fielmente interpre-

tado o texto legal, o que acarreta prejuízos para inúmeros extranumerários.

Por isso, vimos REQUERER do Executivo nos esclareça qual a razão de o Departamento de Produção Vegetal não estar pagando os domingos aos extranumerários do Instituto Agrônomico, em evidente desacordo com o que preceitua o artigo 44 da Lei n.º 1309, de 29 de novembro de 1951".



Handwritten signature or initials.



PERDE A ESCULTURA PAULISTA UM DE SEUS EXPOENTES

Faleceu ontem, em São Paulo, o prof. Marcelino Velez — Foi durante 33 anos mestre de desenho pedagógico do atual Instituto de Educação "Carlos Gomes" — O sepultamento será hoje na cidade.



Prof. Marcelino Velez.

Teve profunda repercussão em Campinas, principalmente nos meios artísticos, a notícia do falecimento do prof. Marcelino Velez, ocorrido ontem, em São Paulo, onde residia atualmente. Era o extinto um consagrado escultor, premiado varias vezes, destacando-se a medalha de ouro que obteve na Exposição Internacional de Florença, com um interessante trabalho sobre a lendaria figura do Saci Pererê. Em 1912 já se impunha a tal ponto, que obteve do governo de S. Paulo, quando secretario do interior o sr. Oscar Rodrigues Alves, um premio de viagem, permanecendo na Italia, em estudos, até 1915, ano em que esse país entrou na grande guerra. No ano seguinte, voltando ao Brasil, ingressou no corpo docente da Escola Normal Primaria, hoje Instituto de Educação "Carlos Gomes", de Campinas, como professor de desenho, tendo sido o criador do desenho pedagógico disciplina que deu osro da familia

melhores resultados pedagogicos, sendo posteriormente criada essa Cadeira, em todas as Escolas Normais do Estado.

Todavia, o grande animador e animador de Marcelino Velez, ainda antes do premio do Pensamento Artístico, foi o então senador Freitas Vale, o qual trouxe o proprio Presidente do Estado, sr. Altino Arantes, a Campinas, afim de inaugurar a exposição de escultura que Marcelino Velez levou a efeito no salão do Centro de Ciências, Letras e Artes.

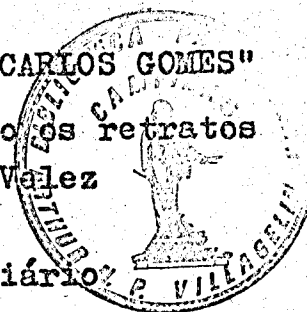
Varios trabalhos de escultura e em outras do interior são obras notaveis de Marcelino Velez, considerado um dos maiores escultores do Brasil. Entre outros citamos o monumento ao dr. Thomáz Alves, no jardim Carlos Gomes, e o monumento aos heróis de 32, trabalho bellissimo que provoca um entusiasmo arrebatador de todos os que

desempenhou 30 anos de bons serviços a Escola Normal "Carlos Gomes", hoje Instituto de Educação, o sr. Marcelino Velez se aposentou em 49, deixando um traço inapagavel de sua passagem por esse estabelecimento de ensino, pelo seu saber, pela sua inteligencia e pela sua grande bondade. Era casado com D. Maria Rodriguez de Sousa Velez, de cujo matrimonio deixa os seguintes filhos: Dr. Mario Velez, casado com D. Jancyra De Mingo Velez; Professora Mercedes Velez Prado, casada com o snr. Moacyr Prado, vereador da Camara Municipal; Dr. Jayme Velez, casado com D. Wilma Barcelos Velez; Marcelino Velez Filho, casado com D. Christina Iélo Velez; Dr. Marcello Velez; Milton José Velez e senhorinha Maria de Lourdes. Deixa 7 netos. O corpo foi trasladado para esta cidade, na residência de seu genro a rua Culto à Ciência n.º 282, de onde sairá o enterro hoje às 9 horas para o cemiterio da Saudade onde será sepultado em jazigo

CM

RUA MARCELINO VELEZ

HOMENAGEM A DOIS ANTIGOS MESTRES DA ESCOLA NORMAL "CARLOS GOMES"
Inaugurados ontem, naquele estabelecimento de ensino, os retratos
dos profs. Pereira da Cunha e Marcelino Velez



(Extraído de fls. 8, do jornal "Diário do Povo", de 14 de maio de 1952).

Dentre as comemorações levadas a efeito ontem, em regozijo à passagem do 49º aniversário da antiga Escola Normal "Carlos Gomes", hoje transformada em Instituto de Educação, constou a referente à inauguração dos retratos dos professores Pereira da Cunha e Marcelino Velez, numa das dependências daquela casa.

A solenidade, que teve lugar pela manhã numa das salas daquele estabelecimento de ensino, contou com a presença de altas autoridades, tendo feito uso da palavra, enaltecendo as figuras daqueles antigos mestres, o prof. José Villagelin Netto.

Nessa ocasião, o dr. Mário Velez, filho do saudoso prof. Marcelino Velez, proferiu o seguinte discurso de agradecimento:

"Exmo. Sr. Diretor do Instituto de Educação "Carlos Gomes"
Exmos. Srs. Professores. Prezados Alunos. Exmo. Sr. Digno Representante do Sr. Dr. Governador do Estado. Exmo. Sr. Deputado Estadual. Exmos. Srs. Dignos Representantes do clero e autoridades. Exma. família do professor Pereira da Cunha e nossa família.

Com o coração transpassado e sob profunda emoção que nos turba os sentidos e nos tolhe os movimentos que conseguimos até vós para cumprir este sagrado dever de vir agradecer-vos penhorados, em nome de nossa família esta carinhosa homenagem que acabamos de assistir em memória do nosso pranteado chefe, pai e amigo que foi o professor Marcelino Velez, inaugurando o seu retrato nesta sala nobre deste majestoso edifício, juntamente com o retrato do prof. Pereira da Cunha.

Não foi esta a primeira vez que assistimos compungidos a uma homenagem ao nosso querido pai, pois parece que estamos presenciando como se fôra ontem, a inesquecível e carinhosa despedida que lhe foi prestada quando em 1948, o saudoso professor deixava esta casa por ocasião de sua aposentadoria.

Apenas daquela feita, apesar de emocionados não nos obrigava o dever de vir a vossa presença manifestar a nossa eterna gratidão com a mágua que nos embarga a voz e com lágrimas que afloram em nossos olhos, pois o próprio professor estava presente para fazê-lo.

RUA MARCELINO VELEZ

Fla. 2



Também não foi esta a primeira vez que ouvimos a palavra eloquente e tocante desse insigne professor José Villagelin Netto, inteligência ágil, caráter alevantado, coração aberto de que sempre ouviamos falar, desde os tempos idos do veterano Centro de Ciências, Letras e Artes.

Amigo sincero e admirador fiel do nosso saudoso pai, a ele devemos essas repetidas homenagens, que jamais serão esquecidas, como preito de gratidão e estima.

A esta consagrada Casa que o nosso chefe tanto soube honrar e enaltecer, jamais se apagará da nossa memória, desde os tempos remotos da sua fundação no governo Washington Luis até os áureos tempos da visita do Presidente Carlos de Campos, quando o mestre desenvolvia os desenhos de retrato a giz de côr nos quadros negros destas luminosas classes em que se destacava as efigies daqueles beneméritos administradores.

Como professor de desenho, Marcelino Velez, foi preclaro, desde o tempo da Escola Normal secundária e da Escola Complementar, como pudemos testemunhar como seu aluno, até a época contemporânea do Desenho Pedagógico que era a sua paixão.

É com saudade e veneração que os seus mais antigos alunos se referem a ele e não raro encontramos os seus velhos discípulos hoje professores conceituados, que lembram dele em elogios e demonstração de estima.

Como artista, Marcelino Velez foi emérito, aproveitando os elementos de esplendor que a natureza dá e dos que a arte cria, não havendo nenhuma expressão concebível da beleza que aí não estivesse representada. Porque a arte afaga a vida dos sentidos e inquieta as imaginações mais equilibradas, acrescentando valores às realidades já de si fascinantes. Aquele que acrescentar formas de interpretação à natureza foi tocado pelo dom divino. Na arte o homem realiza os sonhos dos sábios.

Objetivista da Escola do Renascimento, não quiz que a forma abstrata, cujos extremos suscitam temores, acabasse por separá-lo da arte e da beleza. Num mundo atormentado não há como exigir que o artista guarde a serenidade dos tempos em que a vida era doce como o favo de mel do Himeto.

É preferível os artistas que se alimentam do sonho dos que se atormentam com pesadelos.

Os conflitos de uma época criaram novos preceitos e forma estética, mas ele não quiz erguer o seu altar, sôbre os destroços da harmonia e da beleza.

Diante da Nova Arte ele dizia: "Nós os velhos, como a velha arte, devemos sorrir".

RUA MARCELINO VELEZ

Fls. 3



Como homem, Marcelino Velez tinha muitas das características que distinguem um homem superior, citadas por Flaminio Fa-
vero: suceda o que fôr, esse homem se mantém inquebrantável, é
nas situações difíceis que bem se conhece o valor dele; não des-
preza nada no mundo exceto a falsidade e a baixeza, afora isso
tudo o mais merece respeito a começar pela dor e sofrimento a-
lheios; não foge do perigo, nem o busca sem necessidade; humil-
de na grandeza como forte na adversidade; pronto e firme em suas
resoluções e exato em seus compromissos.

Como chefe, como pai, como espôso, foi exemplar.

Cêdo, quando criança e longe, quando estudante, aprende-
mos a imitá-lo e reconhecer-lhe os méritos. Companheiro fiel de
todas as horas, fossem elas alegres ou amargas, era um superior
cuja falta nos faz para ouvir e seguir.

Vivo foi um exemplo edificante de trabalho, amor e hones-
tidade que frutificou para o bem de todos.

Morto foi uma semente que germinou retemperando as nossas
fôrças e dando novo alento às energias gastas na luta pela vida.

Destino, caprichoso e irônico, não quiz que estivessemos
ausente na hora extrema conforme era seu desejo e do que ele se
gabava de ter acontecido com seu velho pai.

Dele podemos dizer como já ouvimos algures: "aquele que
viveu sempre desentranhando-se em raros méritos e desfazendo-se
em santos benefícios, este vôi e desaparece entre benções e la-
mentos - benções que são glorificações, lamentos que são louvo-
res e sôbre a sua campa, venerável, rescende perene a espiral
do incenso, renasce incessante o murmúrio da prece e viça eter-
na a flor da saudade".

O Criador será clemente para com êle dando-lhe o descanso
eterno e o resplendor da luz perpétua.

"Requien alternam dona eis Domine: et lux perpetua lucent
eis".

RUA MARCELINO VELEZ.



No GIRO DO TEMPO

O DIA A DIA DA CIDADE DE HA TRINTA ANOS NO NOTICIARIO DO "CORREIO POPULAR"

Dia 31 de maio de 1948, segunda-feira, não circulou o "Correio". O presente noticiário foi respigado nas edições de véspera e porteriô² ao 31 de maio.

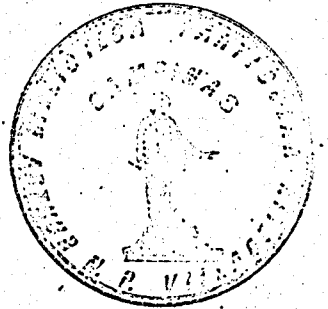
APOSENTADO O PROFESSOR MARCELINO VELEZ

Por decreto datado de 25 do corrente foi aposentado no cargo de professor secundário de desenho pedagógico o sr. Marcelino Velez, que por mais de 30 anos instruiu várias gerações de alunos na difícil arte do desenho. Festejado artista escultor que toda Campinas admira, o prof. Marcelino Velez foi o introdutor do desenho pedagógico nas Escolas Normais e a sua passagem pela casa de ensino do Largo das Andorinhas ficou assinalada com sulcos indeléveis devido à sua grande competência e dedicação a causa do ensino. A sua aposentadoria é um justo e merecido prêmio ao seu trabalho. Oportunamente, o prof. Marcelino Velez vai ser homenageado pelos colegas de magistério, alunos e ex-alunos.

RUA MARCELINO VELEZ

26-janeiro-1952 - Falece o escultor Marcelino Velez destacado artista conterrâneo, autor de vários e importantes trabalhos entre os quais se destacam o monumento ao dr. Thomaz Alves, localizado no Jardim Carlos Gomes, e o imponente mausoléu aos Voluntários Constitucionalistas, próximo ao Cemitério da Saudade.

(Extraído da secção "Efemérides Campineiras", de autoria de J. C. Mendes, inserida no jornal "Correio Popular", de 26-janeiro-1971).



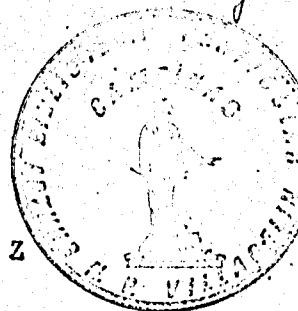
RUA MARCELINO VELEZ

RESUMO

BIOGRAFICO DO

PROFESSOR MARCELINO VELEZ

1883 - 1952



Campinas era apenas uma romântica e singela cidade, quando, aos 16 de Agosto de 1883, nasceu Marcelino Velez, filho de Patrício Velez e D. Manoela Pastor Velez.

Marcelino Velez iniciou seus estudos em S. Paulo, cursando primeiramente o Liceu Coração de Jesus. Passou depois para a Escola Normal Caetano de Campos, onde aprendeu os rudimentos de escultura.

Tendo seu pai aberto oficina de marmoraria, Marcelino, a par do início do seu curso secundário, já sente sua forte inclinação para a escultura. Todavia, devido a conselhos médicos, a família volta para Campinas, interrompendo o rapaz aqueles estudos na Escola Caetano de Campos.

Em Campinas, passa Marcelino Velez a estudar desenho com afinco. Sempre acompanhado de seu pai, passa a trabalhar, lado a lado, na oficina da marmoraria. Ali, diretamente, aprende a usar a ferramenta com a qual irá produzir seus trabalhos escultóricos.

Aos 5 de Janeiro de 1908, casa-se com uma moça que conhecera em S. Paulo, D. Maria Rodrigues de Souza, filha do Comendador João Rodrigues de Souza e de D. Maria Rodrigues de Souza.

Passa então Marcelino Velez a confeccionar seus primeiros trabalhos escultóricos, quer por encomenda, quer por estudos. É dessa época os trabalhos de estudo de uma cabeça, que denominou "Mini" (inspirado pela La Bohème), e outra cabeça: "O Primeiro Amor". Também um baixo relêvo, "Jesus no Santo Sepulcro", e outros trabalhos para arte funerária, como bustos, medalhões, etc.

No dia 4 de Agosto de 1912, é solenemente inaugurada no salão nobre do Centro de Ciências a exposição de escultura de Marcelino Velez, que alcançou um grande sucesso.

Com a repercussão dessa mostra de arte, Marcelino Velez tem a maior satisfação que um artista pode almejar: - O Patronato Artístico do Estado de S. Paulo lhe confere o prêmio de viagem ao estrangeiro, para completar seus estudos. Essa distinção foi conferida a dois artistas: Mário Monteiro,

Rua Marcelino Velez

para a música e Marcelino Velez, para as Artes Plásticas.

Em 3 de Junho de 1913, embarca em Santos, Marcelino Velez, com sua esposa e 3 filhos, desembarcando em Nápoles no dia 25 desse mês. Segue depois para Roma e mais tarde para Florença, onde encontra o seu grande campo artístico, estudando dia e noite, incansavelmente.

Infelizmente irrompe a Primeira Grande Guerra, e todos os pensionistas brasileiros e mesmo estudantes estrangeiros se vêm obrigados a embarcar para sua Pátria, a chamado do Governo. E, assim, melancolicamente, volta a 20 de Setembro de 1914 para o Brasil.

Novamente em Campinas, passa Marcelino Velez a trabalhar com seu pai, continuando a produzir trabalhos escultóricos. É dessa época o único trabalho público de pintura que realizou, o pano de boca para o Teatro Carlos Gomes, dessa cidade. Tratava-se de uma alegoria, com uma figura central simbolizando a Arte, com as decorações da "Paz" e do "Progresso".

Aproveitando os conhecimentos que Marcelino Velez adquirira na Europa, o Governo do Estado de S. Paulo vem a nomeá-lo para a Cadeira de desenho e caligrafia, da Escola Normal de Campinas. Toma posse em 25 de Maio de 1915, lecionando durante 33 anos sem interrupção, aposentando-se como Professor da Cadeira de Desenho Pedagógico da mesma escola, hoje "Instituto de Educação Carlos Gomes".

Seu ensino sempre foi do desenho a mão livre, feito de modelos usuais, dos mais simples para os mais complexos, por progressão das diversas séries. Iniciava pelo desenho das linhas, por figuras geométricas de formas originárias: cubo, esfera, cone, etc. Em cada aula um desenho.

No entanto sua grande obra foi posterior.

Como professor, sentiu imediatamente a revolução didática e a finalidade da Escola, proclamada pelo movimento que se denominou a Escola Nova. A Pedagogia abria novos campos e novos métodos de ensino desde a alfabetização.

Assim é que Marcelino Velez, como princípio pedagógico, entendeu que não ensina desenho para futuros artistas, mas para futuros professores, e que seus alunos deveriam adquirir o conhecimento do desenho como um meio de expressão, uma nova e expressiva linguagem, para por meio dela transmitir conhecimentos a seus alunos por intermédio do desenho.

Este é o início do que se tornou depois o Desenho Pedagógico.

De fato, após acurados estudos de grandes educadores nacionais, o

Rua Marcelino Velez

Fls. 3

Governo do Estado de S. Paulo, instituiu a cadeira de Desenho Pedagógico nas Escolas Normais.

Em 17 de Junho de 1948, Marcelino Velez se aposenta da cadeira que criara e o Governo do Estado homologara em lei. Após 33 anos de serviço público constante, deixava sua cátedra onde lecionou a gerações de normalistas.

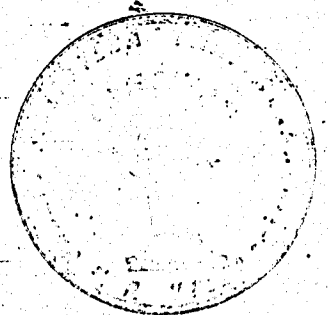
Depois de aposentado como professor, cuidava apenas de sua querida arte. Sua produção é elevada: - Mais de 20 figuras; 17 bustos; monumentos, medalhões, baixos relêvos e altos relêvos.

Para examinar a arte escultórica e monumental de Marcelino Velez, observaremos apenas dois monumentos colocados em sua cidade: o do Dr. Thomaz Alves e o Mausoléu ao Voluntário Campineiro de 1932.

Subitamente, em 26 de janeiro de 1952, vítima de um colapso cardíaco, morre em S. Paulo, Marcelino Velez.

É sepultado no jazigo da família, em Campinas, no Cemitério da Saudade, onde tantas obras belíssimas produziu.

Apagou-se assim aquela vida que foi uma constante dedicação à Família, à Beleza e à Arte.



U&M